

Roteiro da apresentação – Manifesto comunista

O objetivo da palestra inicial é situar o manifesto em seu contexto. Não é necessário entrar em detalhes nos processos e fatos históricos tratados. A ideia é que as pessoas que vão fazer o curso tenham uma noção geral do processo histórico do qual trata o manifesto, mas também dos principais acontecimentos que vão marcar a época em que viveram Marx e Engels, ajudando na compreensão da própria razão de ser do Manifesto.

Slide 4: O manifesto comunista

Ler o slide

Completar

Engels, no prefácio à edição alemã, de 1890, afirma ser o manifesto “incontestavelmente a obra mais espalhada, mais internacional de toda a literatura socialista, o programa comum de milhões de operários de todos os países, da Sibéria à Califórnia”.

Slide 5: Marx e Engels

Ler o slide

Completar

O manifesto foi escrito por Marx e Engels em 1847, como texto programa da Liga dos Comunistas.

A liga dos comunistas nasceu da liga dos justos depois de um polemica política.

Intelectuais brilhantes, nunca foram teóricos de gabinete, comentaristas da luta de classes. Eram militantes revolucionários, organizadores.

Viviam as experiências do movimento operário e organizaram partidos (primeiro a Liga dos Comunistas e a partir de 1964 a I Internacional).

Marx foi perseguido e viveu grande parte de sua vida adulta exilado.

A amizade de Marx e Engels era profunda. Marx e sua família viveram por muitos anos em situação de miséria. Engels, que era filho de um rico industrial, apoiou Marx financeiramente, e só assim foi possível que Marx escrevesse o Capital.

Slide 6: O fantasma do Comunismo Ronda o mundo

Ler o slide

Completar:

Os comunistas sofriam uma campanha de calúnias e perseguições da burguesia, da monarquia, da igreja,

O Manifesto é publicado em forma de um folheto para os trabalhadores.

O Objetivo era expor as ideias e objetivos dos comunistas, e a obsessão de ganhar o proletariado para estas concepções, para organizá-lo enquanto classe, de maneira independente da burguesia e dos democratas pequeno burgueses.

A burguesia sempre usava a massa trabalhadora para lutar em suas revoluções e depois era apunhalada pelas costas pelos seus aliados burgueses e pequenos burgueses.

Era fundamental que a classe operária, que libertaria a si própria, tivesse consciência de suas tarefas e um programa.

Segundo Engels, em 1847, o manifesto não poderia ser intitulado de “manifesto socialista”, porque esta palavra servia para designar de um lado, sistemas utópicos, e por outro, os numerosos “curandeiros sociais, (...) que queriam suprimir as misérias sociais sem tocar no capital e no lucro.

O socialismo significava em 1847 um movimento burguês e o comunismo um movimento operário.

O socialismo era admitido nos salões da alta sociedade no Continente pelo menos; o comunismo era exatamente o contrário.

Slide 7: Outros modos de produção

Ler o slide

A ideologia dominante quer fazer parecer que o capitalismo é a única forma possível de existência da humanidade.

Porém não é esta a verdade.

O capitalismo é fruto de um processo histórico.

Apresentar que o manifesto parte da ideia de que a formação da sociedade burguesa vem de um processo histórico, que antes do capitalismo existiram outros modos de produção.

Não devemos explicar os modos de produção anteriores ao capitalismo na palestra. Parte disso será abordado no curso sobre o Estado. Mas apenas citar.

Na Antiguidade, os trabalhadores eram escravos dos proprietários, como ainda o são em muitos países atrasados e, inclusive mente, na parte sul dos Estados Unidos.

Na Idade Média eram servos dos nobres proprietários de terras, como ainda o são na Hungria, na Polónia e na Rússia.

Na Idade Média, e até à revolução industrial, houve ainda, além disso, nas cidades, oficiais artesãos que trabalhavam ao serviço de mestres pequeno-burgueses e, a pouco e pouco, com o desenvolvimento da manufatura, apareceram os operários das manufaturas que eram já empregados por grandes capitalistas.

Começa a surgir de dentro da sociedade feudal e suas contradições. A era capitalista, segundo Marx expõe no capítulo XXIV (24) do capital, inicia do século XVI (16)¹. Porém aí não se trata do capitalismo como o conhecemos hoje. Neste século, se abre um período histórico de transição, no qual vai se desenvolver a “acumulação primitiva do capital”, ponto de partida para a formação do capitalismo.

Slides 8: O manifesto e a crítica do capitalismo

Ler o slide

Comentar

Uma das características fundamentais do capitalismo, apresentadas no manifesto, é o monopólio dos meios de produção pela burguesia, que vai determinar a exploração do proletariado.

Slides 9: Formação do Proletariado

Ler e explicar

¹ “Embora os prenúncios da produção capitalista já apareçam, nos séculos XIV e XV, em algumas cidades mediterrâneas, a era capitalista data do século XVI. Onde ela surge, a servidão já está abolida há muito tempo, e já estão em plena decadência as cidades soberanas que representam o apogeu da Idade Média.

Na Inglaterra, país centro da revolução Industrial, o proletariado industrial se forma a partir de um radical processo de expropriação e expulsão dos camponeses da terra.

O capitalismo necessitava de uma mão de obra “livre” dos laços feudais, onde os servos eram presos à terra².

Após o fim da servidão, milhares de camponeses que viviam e produziam como arrendatários em terras de grandes fazendeiros, foram expulsos das terras quando estas foram transformadas em pastagens para ovelhas, para obtenção de lã para a indústria têxtil.

Além disso, as terras comunais, usadas em comum por muitas famílias, foram usurpadas pelo Estado. Com isso, milhares de camponeses “sem lar nem pão” foram para as cidades, obrigados então a vender sua força de trabalho para sobreviver.

O proletariado também vai se reforçar com os artesãos, que já não conseguem competir com a grande indústria capitalista.

Podemos usar o texto do Engels Princípios básicos do Comunismo para preparar nossa fala

“4.ª Pergunta: Como é que apareceu o proletariado?”

O proletariado apareceu com a revolução industrial, que se processou em Inglaterra na segunda metade do século passado e que, desde então, se repetiu em todos os países civilizados do mundo. Esta revolução industrial foi ocasionada pela invenção da máquina a vapor, das várias máquinas de fiar, do tear mecânico e de toda uma série de outros aparelhos mecânicos. Estas máquinas, que eram muito caras e, portanto, só podiam ser adquiridas pelos grandes capitalistas, transformaram todo o modo de produção anterior e suplantaram os antigos operários, na medida em que as máquinas forneciam mercadorias mais baratas e melhores do que as que os operários podiam produzir com as suas rodas de fiar e teares imperfeitos. Estas máquinas colocaram, assim, a indústria totalmente nas mãos dos grandes capitalistas e tornaram a escassa propriedade dos operários (ferramentas, teares, etc.) completamente sem valor, de tal modo que, em breve, os capitalistas tomaram tudo nas suas mãos e os operários ficaram sem nada. Assim se instaurou na confecção de tecidos o sistema fabril. Uma vez dado o impulso para a introdução da maquinaria e do sistema fabril, este sistema foi também muito rapidamente aplicado a todos os restantes ramos da indústria, nomeadamente, à estampagem de tecido e à impressão de livros, à olaria, à indústria metalúrgica. O trabalho foi cada vez mais dividido entre cada um dos operários, de tal modo que o operário que anteriormente fizera toda uma peça de trabalho agora passou a fazer apenas uma parte dessa peça. Esta divisão do trabalho tornou possível que os produtos fossem fornecidos mais depressa e, portanto, mais baratos. Ela reduziu a atividade de cada operário a um gesto mecânico muito simples, repetido mecanicamente a cada instante, o qual podia ser feito por uma máquina não apenas tão bem, mas ainda muito melhor. Deste modo, todos estes ramos da indústria caíram, um após outro, sob o domínio da força do vapor, da maquinaria e do sistema fabril, da mesma maneira que a fiação e a tecelagem.

Mas por este facto elas caíram, ao mesmo tempo, completamente nas mãos dos grandes capitalistas e aos operários foi assim retirado também o último resto de independência. Pouco a pouco, para além da própria manufatura, também o artesanato caiu cada vez mais sob o domínio do sistema fabril, uma vez que, aqui também, os grandes capitalistas suplantaram os pequenos mestres por meio da montagem de grandes oficinas, com as quais muitos custos eram poupados e o trabalho podia igualmente ser dividido. Chegámos assim a que, nos países civilizados, quase todos os ramos de trabalho são explorados segundo o modelo fabril e, em quase todos os ramos de trabalho, o artesanato e a manufatura foram suplantados pela grande indústria.

Por isso, a antiga classe média, em especial os pequenos mestres artesãos, fica cada vez mais arruinada, a anterior situação dos operários fica completamente transformada e constituem-se duas novas classes, que a pouco e pouco absorvem todas as restantes, a saber:

1. A classe dos grandes capitalistas que, em todos os países civilizados, estão quase exclusivamente na posse de todos os meios de existência e das matérias-primas e dos instrumentos (máquinas, fábricas) necessários para a produção dos meios de existência; Esta é a classe dos burgueses, ou a burguesia.

² No feudalismo, a terra ainda não era uma propriedade privada no sentido estrito; ou seja, não era uma mercadoria. Os senhores feudais, que possuíam a terra, necessitavam dos servos para a produção. “O poder do senhor feudal, como o dos soberanos, não depende da magnitude de suas rendas, mas do número de seus súditos, ou melhor do número de camponeses estabelecidos em seus domínios”. Os servos tinham garantias mínimas, como o direito de trabalhar uma parte do seu tempo para produzir para sua família, e acesso a terras utilizadas para pastagem de gado e de onde retiravam turfa, lenha, etc.

2. A classe dos que nada possuem, os quais, em virtude disso, estão obrigados a vender o seu trabalho aos burgueses a fim de obter em troca os meios de existência necessários ao seu sustento. Esta classe chama-se a classe dos proletários, ou o proletariado.”

Slide 10 -

Ler o slide,

Explicar

No processo de formação do capitalismo, e de enriquecimento da burguesia, foram muito importantes o comércio internacional, o saque das riquezas coloniais, a escravidão, e sobretudo, a expulsão dos camponeses das terras em que viviam, e com isso, a formação do proletariado.

Portanto, o processo histórico que Marx define como “acumulação primitiva” é fundamentalmente o processo de expropriação dos camponeses que vai levar à formação do proletariado, porém também são parte dessa acumulação o saque das riquezas coloniais, o comércio e a escravidão. Este é um período onde vai começar a se formar o mercado mundial³. A escravidão vai ter dupla importância: por um lado, pela exploração da mão de obra escrava na produção nas colônias, e por outro, os imensos lucros do tráfico negreiro, absorvidos centralmente pelos comerciantes ingleses.

“As descobertas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos⁴ são fatores fundamentais da acumulação primitiva. Logo segue a guerra comercial entre as nações europeias, tendo o mundo como palco”.

Slide 11: O exemplo do Brasil: A lei de terras e a marginalização dos negros

Ler o slide

explicar

Esse slide visa trazer a discussão da formação do proletariado para a nossa realidade, e desconstruir a ideia de que o proletariado brasileiro só vai se formar com a vinda dos imigrantes europeus a partir do fim do século XIX.

Em 1850, mesmo ano em que por pressão da Inglaterra é abolido o tráfico internacional de escravos, e a escravidão no Brasil ia declinando, foi aprovada a lei de terras. Com esta lei, a posse de terras passa a ser considerada legal apenas pela compra. Isto tirou a possibilidade dos negros fugidos ou libertos da escravidão viverem da terra. Com isso, vão para as cidades numa condição de marginalidade.

Os negros, portanto, vão formar o proletariado brasileiro, no sentido de que estão destituídos dos meios de produção, tendo apenas sua força de trabalho para sobreviver. Porém, o racismo institucional (que vem desde o Estado) vai estimular a vinda de imigrantes brancos para as indústrias. Os negros vão ocupar principalmente trabalhos informais e precários.

Slide 12: Burguesia e proletariado

Ler o slide

Explicar

A ideia deste slide é bem simples e sintética: é dizer que o manifesto começa afirmando que a história da humanidade (a partir do surgimento das classes sociais) é a história da luta de classes. O capitalismo vai dividir a sociedade em dois polos antagônicos: burguesia e proletariado, que são as classes fundamentais desse sistema. A revolução Industrial vai ser um marco na consolidação do sistema capitalista e na afirmação da contradição entre estas duas classes. No manifesto, Marx afirma que “a nossa época, a época da burguesia,

³ As companhias Internacionais de comércio, como a Companhia das Índias Orientais, tinham lucros altíssimos, assim como os comerciantes que revendiam os produtos asiáticos na Europa. Além disso também passou a existir o comércio entre metrópoles e colônias.

⁴ Adjetivo, que pode se referir a idílio. Faz lembrar o idílio, que é muito suave, terno, fantasioso.

caracteriza-se por simplificar os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.”

Slides 13, 14, 15, 16 e 17

Ler o slides

Estes são slides autoexplicativos. Aqui é suficiente apresentá-los e fazer a leitura. Pode-se fazer a referência ao livro de Engels, “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, para que a militância tenha um conhecimento mais profundo do tema. Para produzir este livro, Engels passou meses dedicado a conviver com os operários, para conhecer seu modo de vida, e apoiado em relatos e outros documentos, escreve essa obra, descrevendo em profundidade a situação dos operários e suas lutas, destacando a situação da mulher.

Slide 18: Explicar que a burguesia teve que fazer revoluções para tomar o poder.

Ler o slide

A burguesia, que para seguir no poder faz de tudo para que não haja revoluções, teve que fazer revoluções em seu passado, para conquistar o poder político, que pertencia às nobrezas. Tomando como referência a independência dos Estados Unidos e a Revolução francesa podemos dizer que a burguesia não fez essas revoluções sozinha, mas foi sua direção, e os seus objetivos foram os atingidos.

Na independência dos estados Unidos esteve colocada a questão da independência nacional, e a formação de uma república. Na revolução francesa foram centrais a derrubada da monarquia, o fim dos privilégios da nobreza e o fim das relações feudais no campo. A burguesia desejava que seu poder político correspondesse ao poder econômico que já possuía.

Para a crescente burguesia era fundamental acabar com as restrições ao comércio, à indústria e à propriedade burguesa.

Slide 19: Apresentar as contradições das revoluções burguesas, tomando como referência a revolução francesa

A burguesia apresentava-se como a “representante da nação”; apresentava suas propostas como se fossem para o “bem comum”, se colocava como direção de todos, contra a arcaica política da monarquia feudal. A burguesia forneceu a liderança, mas foram as massas que mais lutaram, aprofundando a revolução. A revolução francesa foi radical; o rei e muitos nobres foram guilhotinados em praça pública⁵, mas no fim, quem saiu lucrando foi a burguesia. O privilégio de nascimento foi substituído pelos privilégios da riqueza e da propriedade privada.

O Código Napoleônico (1804) deixa isso bem claro. Destina-se a proteger a propriedade – não mais a feudal, mas a burguesa. Contém cerca de 2.000 artigos, desses apenas 7 tratam sobre o trabalho, e 800 sobre a propriedade privada. Proíbe os sindicatos e greves, mas permite as associações de empregadores.

Em resumo, “liberdade, igualdade e fraternidade foi uma frase popular, gritada por todos os revolucionários, mas que coube principalmente à burguesia desfrutar”.

Uma outra contradição dessas revoluções burguesas foi que pensadores “iluministas”, como Voltaire e David Hume criaram teorias sobre a inferioridade dos negros e das nações africanas, para justificar a escravidão.

Em relação às mulheres cabe destacar alguns aspectos: as mulheres de todas as classes do Terceiro Estado⁶ tiveram um papel muito importante na revolução. As mulheres pobres foram parte ativa da luta de massas, com protestos pelo pão. Já as mulheres de classe média se destacaram na luta por direitos, para que a “liberdade, igualdade e fraternidade” incluísse as mulheres. Vai surgir da revolução francesa o “feminismo”. Olympe de Gauges escreve, parafraseando a “declaração dos direitos do homem e do cidadão”, a “declaração dos direitos das mulheres”. Foi guilhotinada em 1793. Os clubes femininos foram fechados, e as mulheres

⁵ Cabe acrescentar aqui que as medidas mais radicais da revolução foram tomadas por pressão das massas, e que nem toda a burguesia foi favorável à execução do rei e à república. A alta burguesia contentava-se, (e na verdade preferia) com uma monarquia constitucional.

⁶ A França na época em que estourou era dividida em três “estados sociais”; o primeiro era composto pelo clero. O segundo pela nobreza, e o terceiro, pelo “povo em geral”, aí incluindo-se burgueses e trabalhadores.

foram excluídas do direito ao voto. O código napoleônico, que inspirou legislações no mundo todo, determinava como lei a obediência da mulher ao marido.

A Revolução no Haiti se relaciona profundamente com a Revolução Francesa. O Haiti (antes da independência chamado de São Domingos) era a colônia mais rica da França. Produzia rum, tabaco e açúcar. Uma minoria branca (cerca de 7% da população) explorava e oprimia uma imensa maioria negra, escravizada. Os ventos de liberdade da revolução francesa chegaram em sua principal colônia. Em 1791 começa uma grande revolução negra, de escravos, liderada por Toussaint L`overture. Em 1794, os Jacobinos no poder abolem a escravidão nas colônias francesas. Os escravos em São Domingos passam à condição de libertos. A ilha foi governada por Toussaint L`overture, que tenta reorganizar a economia. No entanto, quando Napoleão Bonaparte chega ao poder, em 1799, anula a lei abolicionista e envia um exército de 25.000 homens para retomar São Domingos. As forças de Bonaparte invadiram a ilha, prenderam o líder negro e o enviaram à França, onde foi torturado e morto.

A luta contra os exércitos de Napoleão continua, agora sob a direção do ex-escravo Dessalines. Usando como lema “Liberdade ou Morte!”, o exército de Dessalines conseguiu vencer os franceses e proclamar a independência da ilha, que passou a ser chamada por seu nome indígena: Haiti.

Aqui é importante destacar que o único processo de independência dirigido por escravos teve que se enfrentar com a burguesia branca francesa.

Slides 20: A organização e as lutas do proletariado

Embora o proletariado tenha atuado sob a direção da burguesia em suas revoluções (até 1848), não deixou de desenvolver suas formas de organização e luta. Reagiu contra a exploração capitalista de diversas maneiras, dentro do que permitiam as leis burguesas, mas também por fora delas. O slide visa mostrar algumas dessas experiências, que são ainda mais amplas.

O manifesto apresenta esse processo de lutas, e como os trabalhadores vão ganhando experiência, ampliando seus objetivos e formas de organização.

O Ludismo foi uma das formas iniciais da luta proletária. Os trabalhadores atribuíam às máquinas as transformações que pioravam suas condições de vida. As máquinas eram vistas como “monstros de ferro”, que espalhavam miséria e desemprego. Em 1789 foi promulgada a 1ª lei contra a destruição de máquinas e de edifícios de fábricas na Inglaterra. Mas apesar da lei severa, o número de destruidores de máquinas só crescia. O nome Ludismo remete a Ned Ludd (ou Ned Ludhan), operário que destruiu uma oficina têxtil. Ganhou muitos imitadores, e por volta de 1811/1812, o Ludismo se tornou um movimento de massas na Inglaterra. Aterrorizou tanto a burguesia que as leis passaram a prever pena de morte. Mas nem assim cessou o movimento. Os condenados mostravam orgulho, e um deles, Jorge Miller, fez um discurso ao povo que assistia a sua execução. O movimento vai refluir, após algumas condenações, e com a experiência da classe operária, outras formas de luta vão se sobrepor.

trade Unions. A experiência desse período que mais vai se consolidar e chegar até os dias de hoje será a organização dos sindicatos, na Inglaterra. Inicialmente eram associações voltadas à ajuda mútua, porém foram se fortalecendo e evoluindo, passando a reivindicar redução da jornada de trabalho, aumento salarial, abolição dos castigos físicos nas fábricas.

O Cartismo foi um movimento político, que além da extensão do sufrágio para os homens, reivindicava que fossem dadas condições para que os operários pudessem ter também seus próprios candidatos, de sua própria classe.

Neste período, ocorreram tentativas de insurreição promovidas pela classe operária, dado nível brutal de miséria e exploração. Mas foram reprimidas pela burguesia. Algumas dessas insurreições foram organizadas pelas *sociedades secretas*, organizações clandestinas, políticas que visavam a derrubada da ordem social e política através de intervenções armadas, o que se assemelha aos grupos guerrilheiros de nossa época.

A revolução democrática de 1830 não satisfaz as demandas operárias (ao contrário, a situação do operariado francês piorou depois dessa data).

A resposta foi a insurreição dos **tecelões de Lyon, em 1831**. Os operários exigiram que fossem aprovadas novas tabelas para o pagamento do trabalho. O governo negou-as. A insurreição levou os operários a ocuparem a cidade durante dez dias, aterrorizando as autoridades, que deixaram o poder nas mãos operárias. A repressão posterior não impediu que o processo de organização avançasse: os impressores de Nantes criaram em 1833 a Associação Tipográfica. Em setembro do mesmo ano, o movimento grevista adquiriu novas características: estendeu-se por toda a França, e mobilizou setores operários de ofícios diversos. Os líderes

foram mortos pela repressão e milhares de operários foram detidos. Mas em janeiro de 1834 a associação mutualista dos tecelões de Lyon lançou a idéia da greve geral, para obter uma tarifa mínima. **O movimento desaguou numa nova insurreição, em abril de 1834, realizada sob a bandeira de "Viver trabalhando ou morrer combatendo!"**. As primeiras tropas enviadas para a repressão se solidarizavam com os grevistas, e os republicanos de Paris levantaram barricadas em diversos bairros em solidariedade aos insurretos de Lyon. O exército mobilizou suas melhores unidades para esmagar os revoltosos, o que foi concluído em 11 de abril.

Slide 21: A organização da Liga dos Comunistas

Neste slide podemos contar um pouco da história da Liga dos Comunistas, sua origem e concepção internacionalistas. Os comunistas eram perseguidos nos diversos países da Europa. Mas o que talvez não previam os nobres e os burgueses é que os exílios fortaleceriam laços internacionais entre os revolucionários e o movimento operário, e que esses laços, junto à evolução teórica trazida por Marx e Engels, levassem nossa classe a ter uma ferramenta e um programa comunista e internacionalista, do qual somos herdeiros.

O texto abaixo é um resumo da história da construção da Liga dos Comunistas e da importância de Marx e Engels no processo. Na abertura não é necessário que sejam passados o conjunto das informações, para que não se prolongue a plenária e para que as pessoas que estejam fazendo o curso não se percam em muitos dados. Deve-se buscar fazer um “resumo do resumo”.⁷

As perseguições movidas, a partir de 1815, contra aqueles que lutavam pela liberdade e pela unidade da Alemanha, e a crise econômica que afligia o país, obrigaram grande número de alemães a se refugiarem no estrangeiro. Depois da revolução de 1830 e sobretudo depois da manifestação democrática de Hambach, em 1832, realizada com a assistência de mais de 30 mil pessoas; depois do assalto ao posto de polícia de Frankfurt (1833), muitos revolucionários foram a Paris, onde os republicanos e socialistas franceses lhes dispensaram todo o apoio. Foi aí que surgiu a Associação Patriótica Alemã, cuja finalidade era lutar pela unidade e liberdade da Alemanha.

Em 1834, a partir da Associação Patriótica Alemã é criada a Liga dos Proscritos, associação secreta democrático-republicana. Em 1836, os elementos mais radicais, quase todos proletários, separam-se e fundam uma nova associação secreta, a Liga dos Justiceiros (conhecida também por Liga dos Justos). A liga original, na qual permaneceram apenas os elementos mais atrasados, reduziu-se quase à inércia. A nova Liga desenvolve-se com rapidez.

Era como uma “versão alemã” do comunismo operário francês, postulando a “comunidade de bens” como vital para o alcance da igualdade. Era como as sociedades secretas da época, metade propaganda, metade de conspiração. Na época, Paris era considerada o centro da ação revolucionária. Lançaram-se à uma sublevação de rua com as sociedades francesas, em 1839, sendo derrotados. Os dirigentes da Liga foram presos, e expulsos de Paris. Em Londres (onde havia uma liberdade maior de organização), tentaram reestabelecer ligações e reestruturar a organização. Em 1840 é fundada a associação cultural dos operários alemães, posto de recrutamento de novos membros para a Liga. Em pouco tempo, contava já com diversas sociedades. Essa tática foi aplicada em outros países também. Onde era possível, fundava-se diretamente associações operárias. Onde as leis não o permitiam, os membros da Liga ingressavam em associações de canto coral, ginástica, etc.

Em Londres, a Liga vai convertendo-se pouco a pouco em organização internacional, congregando-se nela diversas nacionalidades. Logo vai tomar o título de Associação Cultural Operária Comunista; e, nas carteiras de filiação, o lema “Todos os homens são irmãos”, figurava em vinte idiomas pelo menos. A Liga secreta também era internacional, por duas razões: pelas diversas nacionalidades de seus aderentes, mas também do ponto de vista teórico; pela consciência de que toda revolução, para triunfar, tinha que ser uma revolução europeia. Mantinham-se contatos com revolucionários em outros países.

No entanto, a doutrina da Liga era ainda um pouco vaga. Sua base social ainda era predominantemente de artesãos, ainda não proletários no sentido pleno, e trabalhava-se com ideias gerais, de “igualdade, justiça e fraternidade”. Porém neste momento vai surgindo um novo comunismo: Marx e Engels se aproximam, e além de considerarem que os fenômenos econômicos tinham importância decisiva para compreender os processos históricos e da luta de classes, em 1845 começam a elaborar sua teoria

⁷ Usamos aqui como referência o texto de Engels; “contribuição à História da Liga dos Comunistas” e o livro de Max Beer: “A história do socialismo e das lutas sociais”.

materialista da história. Aí, o comunismo já não consistia mais em exprimir o mais perfeito ideal de sociedade, baseado na fantasia.

Para Marx e Engels, tão importante como fundamentar cientificamente seus pontos de vista era conquistar o proletariado, especialmente o alemão, para sua doutrina. Assim estabelecem relação com organizações e jornais radicais e proletários em diversos países. Mantinham correspondência com os membros de Londres da Liga, que pouco a pouco foram tomando consciência de quão inconsistente eram as concepções de comunismo que imperavam até então, e de que Marx e Engels tinham razão.

Na primavera de 1847, Moll (um dos dirigentes da Liga) visita Marx em Bruxelas (na Bélgica) e Engels em Paris, para novamente convidá-los a entrar na Liga, dizendo-lhes que estava convencido de seu ponto de vista, e da necessidade de libertar a Liga das velhas concepções. Dando-lhes espaço para que no congresso da Liga apresentassem seus pontos de vista num manifesto, que em seguida, seria publicado como manifesto da Liga, e que poderiam também contribuir para a substituição da arcaica organização de Liga por outra nova, mais adequada à época e aos objetivos visados. Foi um convite irrecusável. A partir daí Marx organiza uma seção em Bruxelas, e Engels dá assistência às sessões de Paris.

No verão de 1847, a Liga realiza em Londres seu primeiro congresso, que a reorganiza, e estabelece uma proposta de estatuto, passando a chamar-se Liga dos Comunistas. Os novos estatutos foram levados à análise pelas sessões, para serem definitivamente aprovados em seu segundo congresso, em 8 de dezembro de 1847. Neste congresso, Marx apresentou sua nova teoria, em um debate prolongado. Por fim, os novos princípios foram aprovados por unanimidade, e Marx e Engels foram encarregados de escrever um Manifesto. Poucas semanas antes da Revolução de Fevereiro de 1848 (na França), foi enviado a Londres para publicação. Surge aí, para o mundo, o manifesto comunista. O antigo lema da Liga, “todos os homens são irmãos”, foi substituído pelo novo grito de guerra: “Proletários de todos os países, uní-vos”

Slide 23: A primavera dos povos

O manifesto vai ser produzido no contexto de uma grande crise na Europa, que vai levar a que explodam diversas revoluções, chamadas de “primavera dos povos”. Na palestra, estamos focando a experiência de 1848, especialmente da França, mas é importante passar uma visão geral dos processos anteriores (as revoluções liberais e nacionalistas, da década de 1820 e 1830).

Na primeira metade do século XIX, a Europa passava por profundas transformações. A população e o tamanho das grandes cidades aumentavam de uma forma nunca vista. A produção industrial e o comércio internacional se multiplicavam, mas nem todos se beneficiavam desse progresso. Grande parte da população europeia vivia em estado de penúria.

Apesar do crescimento vertiginoso da classe operária e do desenvolvimento econômico da burguesia, as monarquias continuavam a ser a forma predominante de governo na Europa.

Em 1815, após a derrota de Napoleão Bonaparte, ocorre o **Congresso de Viena**.

As potências da Europa se reúnem e tomam medidas para o retorno de condições políticas anteriores à revolução francesa. Buscam girar a roda da História para trás. Este congresso caracteriza uma Reação conservadora. Aí se delibera o retorno ao poder das antigas dinastias derrubadas (na França reassume o poder a dinastia dos Bourbons, que haviam sido depostos pela revolução), o “equilíbrio europeu” (espécie de acordo diplomático para evitar novas guerras, porém a partir da satisfação das grandes potências). O congresso de Viena também criou a Santa Aliança; uma aliança militar que unia os exércitos da Áustria, Prússia (que hoje faz parte da Alemanha), Inglaterra, Rússia e França. Toda vez que estourasse algum movimento liberal em algum país europeu, a Aliança interviria. De fato, interviu na Alemanha para combater os nacionalistas que lutavam pela unificação do país, em 1821 e 1822, e ajudaram os absolutistas contra os liberais na Espanha e na Itália.

Porém a História seguia. A indústria e as cidades continuavam crescendo, e com isso, iam se fortalecendo a burguesia, as camadas médias, os artesãos e proletários, as classes inimigas da ordem aristocrática. Vão estourar diversas revoluções na Europa, em três grandes ondas: 1820, 1830 e, especialmente, 1848.

Na primeira onda (1820 a 1824) estouram revoluções liberais, que reivindicam constituições, como a Revolução Liberal do Porto (em Portugal), e revoluções de luta por independência, como da Grécia.

Na segunda (1829 a 1834), destaca-se a Revolução de 1830 na França. O rei, Carlos X, que assumiu o trono em 1824, tenta reviver os tempos do absolutismo. Em 1830, quando as eleições para a Assembleia de deputados deram a vitória a seus adversários liberais, decretou a dissolução da Assembleia, aboliu a liberdade de imprensa, afastou os liberais e a burguesia das decisões políticas. Mas a população de Paris não aceitou as medidas autoritárias. A revolta se espalhou pelas ruas, com armas na mão, e Carlos X foi deposto do trono. A dinastia dos Bourbon se afasta do poder, porém a monarquia vai seguir. O novo rei que assume o trono (Luís Felipe) foi apelidado de “rei burguês”, ou “rei dos banqueiros”.

A partir de meados da década de 1840, uma grave crise agrária (com escassez de trigo e batata, principalmente) levou à morte populações inteiras da Europa.

O mundo europeu passava por uma crise social e política que, em 1848, culminou na “Primavera dos Povos”.

Sobre 1848, é interessante a declaração do pensador Francês, Alexis de Tocqueville, na tribuna da câmara dos deputados: “Nós dormimos sobre um vulcão... Os senhores não percebem que a terra treme mais uma vez? Sopra o vento das revoluções. A tempestade está no horizonte”⁸.

Como aponta Hobsbawn, nunca houve uma revolução que tivesse se espalhado tão rápida e amplamente, “se alastrando como fogo na palha, por sobre fronteiras, países e mesmo oceanos.” Em espaço de poucos dias, afetou as partes “desenvolvidas” e atrasadas do continente europeu, mas sua influência também chegou ao Brasil, com a insurreição pernambucana de 1848.

Em poucas semanas, nenhum governo ficou de pé numa área da Europa que hoje é ocupada completa ou parcialmente por dez estados. No entanto, dezoito meses depois, os regimes que derrubara foram restaurados em quase todos os países.

Para nós, o mais importante é registrar que em 1848, a burguesia já não vai mais cumprir um papel revolucionário, e o proletariado vai atuar de maneira independente, por suas reivindicações. Na Alemanha, a burguesia, por temor do proletariado e do aprofundamento da revolução, prefere o caminho de um acordo com a nobreza. Na França, vamos ver a burguesia republicana afogar o proletariado num banho de sangue.

A revolução de 1848 na França vai ter início em fevereiro. Os progressos da oposição da pequena burguesia republicana, a orgia das finanças, a corrupção dos altos funcionários, o desenvolvimento das ideias socialistas revolucionárias, as más colheitas dos anos 1845 e 1846, a alta do custo de vida de 1847, foram fatores que se uniram para colocar em descrédito o “reinado burguês”.

Parte da pequena burguesia e da burguesia chama os operários às barricadas. Em 24 de fevereiro eles atenderam a esse chamado e, depois de alguns combates com a tropa, triunfa a revolução. O rei foge, e é eleito um governo provisório, que inclui dois socialistas, entre eles Luis Blanc⁹

A república é proclamada, sob a pressão dos operários de Paris. São criadas as “oficinas nacionais”, para assegurar o direito ao trabalho. Porém ao mesmo tempo, o governo começa a organizar uma força armada, para refrear os operários “impacientes” de Paris. Blanc, percebendo a situação, propõe a substituição do governo provisório por um governo socialista. O governo pede a convocação de uma Assembleia Nacional, eleita por sufrágio universal.

Em 16 de abril, Blanqui¹⁰ organiza uma manifestação para derrubar o governo provisório, mas este mobiliza a opinião pública contra os comunistas. Recrudescer a reação.

Os socialistas não são eleitos para a assembleia. Em 4 de maio é nomeado um governo puramente burguês. O novo governo fecha as oficinas nacionais, provocando as massas, que explodem em uma grande sublevação, esmagada pela burguesia republicana.

Esta experiência mostrou que definitivamente a burguesia e o proletariado já estavam separados. Embora o manifesto tenha sido lançado antes do desenlace final de 1848, não deixa de ser fruto das experiências históricas dessa época, e das conclusões dos comunistas sobre elas. Não é uma obra de “iluminados”. É de quem viveu e refletiu profundamente sobre os acontecimentos. É uma arma para lutar pela independência de classe.

SNF

⁸ Referência encontrada no capítulo “A primavera dos povos”, do livro A Era do Capital, de Erick Hobsbawn

⁹ Propunha como medidas transformadoras a nacionalização das estradas de ferro e das minas e a criação de cooperativas operárias de produção, auxiliadas pelo Estado.

¹⁰ Revolucionário francês que foi parte de sociedades secretas e foi preso muitas vezes por sua atuação revolucionária.